

GÊNERO: O que é e o que não é ideologia

Vamos entender?

Profa. Dra. Maria Eulina P. de Carvalho
NIPAM/Centro de Educação/UFPB

Estão dizendo por aí que existe uma tal de “ideologia de gênero”, que é algo ruim para a educação das crianças, para a família, para a escola e para as relações sociais.

Há até legisladores, desinformados ou mal-intencionados, que estão proibindo o ensino dessa “ideologia de gênero”.

Pra começar, vamos entender o que é ideologia e o que gênero?

Ideologia e gênero são conceitos.

O que são conceitos?

- ❖ Conceito é noção, concepção, ideia ou representação geral e abstrata de uma realidade, produzida intelectualmente (ver dicionários).
- ❖ É uma unidade de conhecimento científico, portadora de significado: diz o que uma coisa é ou como funciona.
- ❖ Os conceitos são históricos e pretendem ser lentes críticas de leitura e explicação de problemas sociais situados.
- ❖ Daí a importância da alfabetização conceitual, crítica e científica: a compreensão e utilização correta de conceitos (distintos de opiniões e crenças).
- ❖ A educação científica propicia uma visão mais rica e complexa do mundo. É imperativo aplicar a racionalidade científica à prática profissional e pedagógica e à participação social e tomada de decisões em geral.

O que é ideologia?

- ❖ O termo ideologia tem vários significados.
- ❖ Segundo Norberto Bobbio (BOBBIO, 1986), existe um significado “fraco” e um significado “forte”.
- ❖ Na primeira acepção, mais usada, ideologia é um conceito neutro. Significa um sistema de crenças políticas: um conjunto de ideias e valores acerca da ordem pública, com a função de orientar os comportamentos políticos coletivos.
- ❖ A segunda acepção deriva de Marx: ideologia como falsa consciência das relações de dominação de classe. Portanto é um conceito negativo que denota mistificação, socialmente determinada.
- ❖ Nesta última acepção, os conceitos científicos (construções críticas) se opõem às noções ideológicas (senso comum).

O que é gênero?

- ❖ Todo conceito tem história. Como uma peça de uma explicação para um problema, os conceitos surgem quando um problema é definido e estudado. Neste caso, trata-se de um problema social: a desigualdade de sexo, a dominação de gênero e a opressão das mulheres, que foram denunciadas pelo movimento feminista.
- ❖ Tudo isso era explicado ideologicamente pela superioridade (física, intelectual e moral) dos homens. O conceito de gênero propõe que a causa da desigualdade é social, cultural e não biológica, natural.
- ❖ Assim, entendido como construção histórica, sociocultural e educacional de noções de feminilidade e masculinidade, fundada na diferença sexual, o conceito de gênero vem sendo elaborado pela teoria feminista desde os anos de 1970, visando desnaturalizar as diferenças e denunciar as desigualdades de sexo.

O que é gênero?

- ❖ As relações de gênero são relações de poder, estreitamente vinculadas às estruturas da sexualidade e reprodução biológica (MITCHELL, 1973).
- ❖ Gênero não é sexo! Sexo, sexualidade, gênero, identidade de gênero e orientação sexual são conceitos distintos.
- ❖ Sexualidade também é compreendida como uma construção social e histórica: o modo pelo qual os sujeitos expressam e vivenciam desejos e prazeres, segundo processos culturais e plurais. É, ao mesmo tempo, uma questão individual, social e política (LOURO, 2001; 2003; WEEKS, 2001).
- ❖ Sob o poder do macho (SAFFIOTTI, 1987), a sexualidade masculina tem sido representada como naturalmente ativa, agressiva e sádica, e a feminina como naturalmente passiva, masoquista e narcisista, reduzida à maternidade (CRANNY-FRANCIS et al., 2003, p.7).

O que é gênero?

- ❖ Como conceito complexo, gênero é tanto identidade (individual e social), quanto estrutura de organização social e de dominação simbólica (hierarquia).
- ❖ As tradicionais identidades dicotômicas de gênero (forte x fraca, dominador x dominada) e as hierarquias de gênero (valorização de coisas de homem e desvalorização de coisas de mulher) são contestadas como construções sociais e culturais danosas não apenas para as mulheres, mas para todos os seres humanos.
- ❖ A ordem patriarcal tradicional é uma ordem gendrada, que divide tudo em dois: mundo de macho e mundo de fêmea.
- ❖ A construção de masculinidade violenta, por exemplo, é responsável pela violência de gênero: estupro, feminicídio, degradação ambiental, guerras...

O que é gênero?

- ❖ O conceito de gênero como construção sociocultural vai mais além ao descolar o gênero do sexo: pluraliza as expressões de feminilidade e masculinidade e, nesse sentido, desestabiliza o gênero (como par binário e dicotômico).
- ❖ Se o gênero não é uma determinação do sexo biológico, a sexualidade também é descolada do gênero. Assim, o binarismo e determinação linear de sexo e gênero (macho-masculino, fêmea-feminina) se dissolvem.
- ❖ Além disso, dissolve-se também a crença na heteronormatividade como natural.
- ❖ Em síntese: sexo (macho/fêmea) não determina gênero (masculino/feminina), nem orientação sexual (homo/hetero/bi).

O que é gênero?

- ❖ Na década de 1990, a teorização feminista pós-estruturalista:
- ❖ apontou que sexo, corpo e gênero são culturalmente construídos, sendo o gênero uma norma reguladora, um aparato de produção do sexo (BUTLER, 2007);
- ❖ desconstruiu a correspondência linear entre sexo/corpo, gênero/identidade sexual e desejo/orientação sexual;
- ❖ contrapondo-se ao binarismo, apontou que os gêneros são múltiplos, instáveis, fluidos, discursivos, consistindo em efeitos produzidos nos corpos, comportamentos e relações sociais (LAURETIS, 1994),
- ❖ e até mesmo que o gênero é desincorporado (CRANNY-FRANCIS et al., 2003), vide pessoas transexuais e transgêneros.

O que é gênero?

- ❖ Os estudos de gênero e de sexualidade teorizam “em resposta a condições sociais, históricas e materiais particulares, conectadas a problemas sociais e políticos ‘concretos’” e, como qualquer campo científico, são “instáveis e contestados” (MEYER, 1999, p. 23).
- ❖ Em nossa cultura, a associação entre sexo biológico e gênero é tida como natural: uma pessoa seria homem ou mulher, masculino ou feminino desde o nascimento. É exatamente na direção contrária a essa noção que o conceito de gênero opera, indicando que a produção das masculinidades e das feminilidades não está, necessariamente, vinculada ao corpo biológico dos indivíduos, podendo ser pluralizada e diversificada ao longo da vida (FÉLIX, 2015).

O que é gênero?

- ❖ Gênero então corresponde aos processos individuais, sociais, institucionais, nunca finalizados, fixos e lineares, pelos quais os sujeitos vão se constituindo como masculinos e/ou femininos, em meio à cultura e às relações de poder (MEYER, 2003).
- ❖ Com base no pressuposto de que as diferenças não são simplesmente dadas pela natureza, mas produzidas na/pela cultura, o conceito de gênero serve para problematizar as desigualdades sociais que se sustentam em diferenças (corporais, psíquicas e sociais) usadas para classificar e hierarquizar indivíduos como homens e mulheres, assim como as distintas expressões de masculinidade e feminilidade.
- ❖ Problematiza os modos pelos quais aprendemos e somos ensinados (por instituições sociais, artefatos culturais e sujeitos com quem convivemos) a nos tornarmos homens e mulheres, masculinos e femininos, isto é, sujeitos de gênero, de uma determinada forma, em um determinado tempo histórico e contexto sociocultural.

O que é ideologia de gênero?

- ❖ No sentido negativo do termo (falsa consciência das relações de dominação), ideologia de gênero é:
- ❖ sexismo (discriminação de sexo),
- ❖ machismo (subordinação das mulheres),
- ❖ androcentrismo (dominância de normas e valores masculinos),
- ❖ misoginia (depreciação das mulheres e dos valores femininos),
- ❖ heterossexismo (imposição da heteronormatividade, com consequente homo/lesbo/transfobia, rejeição de pessoas que assumem formas de sexualidade diferentes da heterossexualidade),
- ❖ analogamente ao racismo, classismo, capacitismo etc.

O que é ideologia de gênero?

- ❖ Do ponto de vista sociológico, como lembra Rogério Junqueira (2017, p. 48), ideologia de gênero refere-se propriamente aos “processos de naturalização das relações de gênero, a subordinação das mulheres, a assimetria de poder e de acesso aos recursos por parte das mulheres em relação aos homens. De acordo com tal entendimento, são manifestações de ideologias de gênero o machismo, o sexismo, a misoginia, a homofobia”, assim como esta polêmica atual.
- ❖ O feminismo, que busca a liberação das mulheres e o fim da dominação masculina e do androcentrismo, seria uma contra-ideologia, no sentido Gramsciano. E o conceito de gênero é uma peça-chave dessa contra-ideologia.

O que é ideologia de gênero?

- ❖ Nas últimas décadas do século XX, o feminismo adentrou organizações e instituições sociais, e o conceito de gênero transversalizou interesses e valores femininos nas políticas públicas (CASTELLS, 1999, p. 221).
- ❖ A Plataforma de Ação de Beijing, resultante da IV Conferência Mundial da Mulher de 1995, identificou 12 áreas prioritárias para mudar a situação das mulheres no mundo, entre elas: a pobreza, a desigualdade no acesso a atividades produtivas, recursos e gerenciamento ambiental, as desigualdades e inadequações na educação e saúde, a desigualdade na participação no poder e nas mídias, e a violência (<http://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/pdf>).
- ❖ Pouco avançamos. A Campanha “Beijing+20: Empoderar as Mulheres, Empoderar a Humanidade. Imagine!” retoma essas questões. A meta da ONU Mulheres é um mundo em que todas as mulheres e meninas tenham direitos e oportunidades iguais até 2030 (<http://beijing20.unwomen.org/en/step-it-up>).

O que é ideologia de gênero?

- ❖ Na contramão dos recentes e insuficientes avanços que tivemos, aparece uma reação conservadora transnacional, que alia grupos fundamentalistas religiosos cristãos, católicos e evangélicos, para denunciar uma suposta “ideologia de gênero”.
- ❖ Esse ativismo religioso reacionário, segundo Rogério Junqueira (2017, p. 47), visa:
 - ❖ recuperar espaço das igrejas em sociedades que passam por processos de secularização;
 - ❖ conter o avanço de políticas de garantia ou ampliação dos direitos humanos de mulheres, pessoas não-heterossexuais e outros dissidentes da ordem sexual e de gênero;
 - ❖ (re)naturalizar as concepções de família, maternidade, parentesco, (hetero)sexualidade e diferença sexual, buscando restaurar a tradicional ordem de sexo (a heteronormatividade) e gênero (a dominação masculina).

O que é ideologia de gênero?

- ❖ Qual a origem do sintagma ou dispositivo retórico “ideologia de gênero”? Segundo Rogério Junqueira (2017, p. 47), trata-se de uma “invenção católica que emergiu sob os desígnios do Pontifício Conselho para a Família e de conferências episcopais, entre meados dos anos de 1990 e início dos 2000”.
- ❖ Assim, a chamada “ideologia do gênero” é “denunciada como uma forma de ‘doutrinação neototalitária’, de raiz marxista e ateia (...) camuflada em discursos sobre emancipação, liberdade e igualdade (...) uma imposição do imperialismo cultural dos Estados Unidos da América, da ONU, da União Europeia e das agências e corporações transnacionais dominadas por ‘lobbies gays’, feministas, juntamente com defensores do multiculturalismo e do politicamente correto, extremistas ambientalistas, neomarxistas e outros pós-modernos” (p. 49-50).

O que é ideologia de gênero?

- ❖ Depreciando os estudos científicos e acadêmicos, funciona como um slogan catalisador de manifestações contrárias a políticas sociais, reformas jurídicas e ações pedagógicas de promoção dos direitos sexuais e punição de suas violações, de enfrentamento de preconceitos, prevenção de violências e combate a discriminações (hetero)sexistas (JUNQUEIRA, 2017, p. 48) – ou seja, contrárias à legalização do aborto, à criminalização da homotransfobia, à legalização do casamento igualitário, ao reconhecimento da homoparentalidade, à extensão do direito de adoção a genitores de mesmo sexo, e às políticas educacionais de igualdade/diversidade sexual e de gênero.
- ❖ Assim, investe-se no pânico moral “contra grupos social e sexualmente vulneráveis e marginalizados” (p. 48) acusados, juntamente com seus defensores, de “destruidores da família, familiofóbicos, homossexualistas, gayzistas, feminazis, pedófilos, heterofóbicos, cristofóbicos”! (p. 49).

J. D. Hunter (1991) chamou de “guerras culturais” as disputas ideológicas de cristãos fundamentalistas e humanistas seculares nos EEUU.

Agora aqui também (como antes lá), grupos católicos e evangélicos se unem nessa reação alarmista, mal informada e, muitas vezes, abertamente deturpadora de conceitos, fatos e experiências.

Fazem barulho, mas não representam a totalidade dos grupos e pessoas religiosas, cristãs.

O que é ideologia de gênero?



O que é ideologia de gênero?

- ❖ Se tomarmos “ideologia” na acepção “neutra”, como conjunto de ideias e valores, teríamos então duas ideologias de gênero:
- ❖ (1) Uma ideologia de origem essencialista – criacionista (religiosa) ou biologicista (pseudo-científica), que acredita que o gênero é determinado pelo sexo biológico, e que gênero e sexualidade só devem se expressar no marco da heterossexualidade. Essa ideologia de “gênero natural” cria problemas ao condenar mulheres que querem fazer trabalhos de homem (governar, pilotar aviões, fazer pesquisa científica etc) e pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer e intersexo – LGBTQI (tachadas de anormais, imorais e pecadoras), que querem simplesmente ter direitos.
- ❖ Escuta-se dizer que gênero é coisa do diabo (por líderes religiosos fundamentalistas) ou que não tem base científica (por pessoas que não conhecem os estudos de gênero).

O que é ideologia de gênero?

- ❖ (2) Outra ideologia baseada no paradigma do construcionismo social, segundo o qual o gênero é, em si mesmo, uma instituição social (LORBER, 2010): um elemento estruturante da organização social, da divisão do trabalho, das relações sociais e das identidades sociais e individuais. Esse paradigma focaliza os processos que criam as diferenças de gênero e invisibilizam sua construção, conectando processos e estruturas sociais gendrados.
- ❖ Desde a infância, lemos o mundo (já dividido por gênero) e nele nos posicionamos, sendo a aprendizagem de ser menina ou menino a primeira da formação do autoconceito (MORENO, 1999). Como explica Pierre Bourdieu (1999), as relações de dominação são somatizadas e assim naturalizadas numa relação de causalidade circular entre as estruturas objetivas do espaço social e as estruturas subjetivas (as disposições psicossomáticas produzidas nos sujeitos).

O que é ideologia de gênero?

- ❖ Segundo Judith Lorber (2010), o processo de gendramento é tão antigo, constante, abrangente e profundo que raramente é examinado ou resistido: dá a impressão de que as diferenças sexuais são naturais.
- ❖ Ademais, a divisão de gênero tem sido legitimada pela busca científica de diferenças sexuais de base biológica, desprezando-se sobreposições e similaridades na fisiologia e comportamento de homens e mulheres.
- ❖ Desde o nascimento, as pessoas são divididas em duas categorias: mulheres ou homens e tratadas/os de forma diferente. Tornam-se portanto desiguais, com maior ou menor variabilidade histórica e cultural dentro de cada grupo e entre os grupos sociais.
- ❖ Os/as que se rebelam contra a atribuição de gênero, através da aparência e/ou do comportamento, são controlados por leis, pelas religiões e pela psiquiatria e reprimidos, punidos e estigmatizados por pais/mães, professores/as e colegas.

O que é ideologia de gênero?

- ❖ Em suma, segundo a primeira concepção ideológica, gênero seria dado/determinado no nascimento: por Deus (concepção criacionista) ou pela natureza (concepção biológica determinista/reducionista/simplista). Essa é a concepção binária, dicotômica e fixa de gênero, baseada na crença numa ordem natural, numa identidade biológica de sexo-gênero, e numa ordem social e histórica imutável.
- ❖ De acordo com a segunda concepção ideológica, gênero seria construído, de múltiplas e variadas formas, ao longo da vida: nas relações culturais, sociais e pedagógicas. Essa é a concepção construcionista, que visualiza a diversidade e a liberdade de se expressar como ser humano, mais além de categorias de homem ou mulher (de modelo único). Representa a esperança de um mundo mais justo e solidário.

Qual é o problema afinal?

- ❖ Então cabe a nós escolhermos que concepção ideológica é realmente benéfica à humanidade e ao desenvolvimento individual, portanto, de interesse da educação.
- ❖ Não nos interessa negar a base biológica (o sexo), mas mudar a cultura (o gênero): não acreditamos que homens são potencialmente violentos – feminicidas, estupradores e pedófilos; nem que mulheres sejam naturalmente ‘amélias’, burras, incapazes, escravas sexuais e domésticas, sacos de pancada.
- ❖ Desejamos uma cultura de não violência e paz, de oportunidade de desenvolvimento e realização humana para todos/as.
- ❖ Sabemos que a biologia assume a complexidade e a perspectiva interacionista natureza-cultura, e que os biólogos em geral não teorizam gênero.

Qual é o problema afinal?

- ❖ Tampouco rechaçamos as religiões e as pessoas religiosas, sabendo que há diversidade dentro de cada denominação religiosa e desacordo entre progressistas e fundamentalistas.
- ❖ Entendemos que a diversidade de famílias não nega a família heterossexual!
- ❖ Acreditamos que a diversidade sexual e de gênero é mais propícia à saúde psíquica e à convivência e coesão sociais.
- ❖ Lembramos aqui outro conceito importante: o da diversidade cultural, inclusive religiosa. Segundo a Declaração da Diversidade Cultural da Unesco, de 2001, a diversidade cultural é tão importante para a sobrevivência da humanidade como é a diversidade natural para a sobrevivência do planeta!

Qual é o problema afinal?

- ❖ Identidade é apenas uma das dimensões do gênero. Aqui gênero se entrelaça a um outro conceito, o de identidade.
- ❖ Segundo Stuart Hall (2004), no final do século XX, as identidades estáveis, contínuas, coerentes, fixas e unificadoras do indivíduo moderno (sujeito iluminista) deram lugar às identidades fragmentadas, deslocadas e descentradas da pós-modernidade (sujeito pós-moderno).
- ❖ A noção sociológica de identidade já reconhecia que o sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas formado na relação com outros significativos que mediavam significados, valores e símbolos culturais. Nessa concepção interativa, a identidade é efeito da internalização de significados culturais e da autoprojeção, constituindo-se no alinhamento entre interior/mundo pessoal/subjetividade e exterior/mundo público/objetividade, estabilizando sujeito e estrutura social (HALL, 2004, p. 11-12).

Qual é o problema afinal?

- ❖ Contemporaneamente, em meio a mudanças estruturais e institucionais (globalização) e lutas de novos movimentos sociais (feminista, negro, LGBTQI, ambientalista, pacifista, de pessoas com deficiência), a concepção essencialista não mais se sustenta e a identidade passa a ser definida historicamente e não biologicamente (HALL, 2004).
- ❖ Configura-se uma crise: não há mais um eu coerente, as identificações são continuamente deslocadas, temos múltiplas identidades, contraditórias, não-resolvidas. Essa perda de um sentido de si estável implica descentração tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo (HALL, 2004, p. 9). O próprio processo de identificação torna-se “provisório, variável e problemático” e “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2004, p. 12-13).

Qual é o problema afinal?

- ❖ Como a identificação não é automática, torna-se politizada; sendo aberta e criativa, pode ser ganha ou perdida na disputa por visões de mundo e sujeito (HALL, 2004, p.21).
- ❖ Daí a guerra cultural que assistimos atualmente em torno da definição das políticas educacionais (Plano Nacional de Educação 2014-2024, Base Nacional Comum Curricular - BNCC), com o ataque de grupos religiosos fundamentalistas a uma suposta “ideologia de gênero”.
- ❖ Sendo a escola um espaço estratégico para (con)formar os indivíduos e grupos em torno de diferentes ideologias, valores, crenças, e sendo o currículo escolar entendido como produtor de identidades (SILVA, 2010), a disputa em torno do que ensinar e não ensinar nas escolas refere-se à construção de identidades, inclusive de gênero.

Qual é o problema afinal?

- ❖ Os defensores de um projeto de lei intitulado “escola sem partido”, que se opõem à “ideologia de gênero” (entendida do jeito deles), propõem que todas as escolas públicas deveriam ser uma escola particular de ideologia única (a dos proponentes do projeto), baseada numa crença religiosa particular (a deles: a de que Deus criou a heteronormatividade junto com o homem e a mulher).
- ❖ Ora, a escola pública é de todas as famílias (não só das famílias deles). De acordo com a Constituição de 1988, tem autonomia democrática e compromisso com o pluralismo ideológico e a diversidade, inclusive religiosa, sexual, de gênero e das famílias. Na educação, os princípios da ‘neutralidade’ política, ideológica e religiosa do Estado se expressam justamente como pluralismo de ideias no ambiente escolar.

Qual é o problema afinal?

- ❖ A educação, já dizia Paulo Freire, nunca é neutra, e o currículo escolar (oficial) expressa um consenso (sempre provisório), resultante de disputas (históricas) ideológicas e políticas, sobre o que se considera conhecimento valioso (YOUNG, 2009), ao mesmo tempo em que pretende ser também um instrumento de melhoria social – por exemplo, ao ensinar sobre direitos humanos, diversidade e inclusão.
- ❖ Transversalizar gênero no currículo (garantir igualdade de oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento humano a meninos e meninas) e ensinar sobre as relações de gênero em aula (que ainda são relações de desigualdade e violência) não é praticar doutrinação ideológica totalitária na escola, como os defensores do projeto escola sem partido falsamente proclamam.

Qual é o problema afinal?

- ❖ Totalitarismo é outro conceito que cabe entender. Refere-se a um sistema político com autoridade estatal ilimitada e regulação da vida pública e privada. Num regime totalitário há imposição de uma ideologia de estado, vigilância e repressão política, regulação e restrição da fala pública, opressão da subjetividade e terrorismo de estado; conseqüentemente, não há liberdade de religião, de meios de comunicação social, de partido político, nem de ensino (<https://en.wikipedia.org/wiki/Totalitarianism>).
- ❖ Por que não seria desejável, da perspectiva dos defensores do projeto escola sem partido, ensinar sobre direitos humanos, acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, como aparece na 3ª versão da BNCC?

Qual é o problema afinal?

- ❖ A concepção binária, dicotômica e fixa de gênero, inscrita na heteronormatividade, oprimiu historicamente (e ainda oprime no presente) as mulheres e as pessoas LGBTQI – esse é o problema, a fonte de inúmeros sofrimentos e violências.
- ❖ É importante lembrar que esse problema afeta também os homens, enquadrados como dominadores e violentos, e que constituem a maioria da população carcerária.
- ❖ A teorização de gênero, portanto, busca entender e superar esses problemas para construir um mundo melhor: com mulheres empoderadas e homens não violentos. E isso interessa a todas e todos os seres humanos!
- ❖ Como diz Bel Hooks (2000), o feminismo (força cultural que alimenta a teorização de gênero) é para todos!

Gênero atravessa as relações escolares e interessa a educadoras/es.

Atravessa as relações sociais e interessa a todas as pessoas.

Então é preciso estudar e entender gênero, sua construção e suas implicações para o desenvolvimento humano e para a vida coletiva.

Vamos estudar gênero?

Para saber mais

- ❖ Textos e palestras de Rogério Diniz Junqueira.
- ❖ JUNQUEIRA, Rogério D. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa Ribeiro, MAGALHÃES, Joanalira Corpes (org.). *Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52. Disponível: http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7097/debates_contemporaneos_educacao_sexualidade.pdf?sequence=1
- ❖ Blog da Profa. Jimena Furlani, da UDESC:
- ❖ <http://papodecorujas-jimenafurlani.blogspot.com.br/>
- ❖ CARVALHO, M. E. P. de. Construções e desconstruções de gênero na instituição de educação infantil. In: Gláucia de Oliveira Assis; Luzinete Simões Minella; Susana Bornéo Funck. (Org.). *Entrelugares e Mobilidades: Desafios Feministas*. 1ed. Tubarão: Copiart, 2014, v. 3, p. 427-438. Disponível em: <http://www.mulheresprogressistas.org/AudioVideo/Desafios%20feministas%20vol.3%20Entre%20imagens%20e%20mobilidades.pdf>

Referências

- ❖ BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Tradução de João Ferreira e outros. Brasília: Ed. UnB, 1986.
- ❖ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- ❖ BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 06 set. 2017.
- ❖ BUTLER, Judith. **El gênero em disputa**. El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 2007.
- ❖ CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Volume 2. O Poder da Identidade. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- ❖ CRANNY-FRANCIS, Anne, WARING, Wendy, STAVROPOULOS, Pam, KIRKBY, Joan. **Gender studies**. Terms and debates. New York: Palgrave Macmillan, 2003
- ❖ FÉLIX, Jeane. Gênero e formação docente: reflexões de uma professora. **Revista Espaço do Currículo** (Online), v. 8, p. 223-231, 2015.
- ❖ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- ❖ HOOKS, Bell. **Feminism is for Everybody**: Passionate politics. Cambridge, MA: South End Press, 2000.
- ❖ HUNTER, James Davison. **Cultural Wars. The struggle to define America**. New York: Basic Books, 1991.
- ❖ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: um dispositivo retórico de uma ofensiva antifeminista. In: Alfrancio Ferreira Dias; Elza Ferreira Santos; Maria Helena Santana Cruz (org.). **Gênero e sexualidades: entre invenções e desarticulações**. Aracaju: Editora IFS, 2017. p. 47-61.

Referências

- ❖ LAURETIS, T de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ❖ LORBER, Judith. **Gender inequality: feminist theories and politics**. 4. ed. New York: Oxford University Press, 2010.
- ❖ LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.
- ❖ _____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-52.
- ❖ MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- ❖ _____. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.
- ❖ MITCHELL, Juliet. **Woman’s Estate**. New York: Vintage Books, 1973.
- ❖ MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.
- ❖ SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- ❖ WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 35-82.
- ❖ YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? In: PEREIRA, Maria Zuleide da Costa; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; PORTO, Rita de Cassia Cavalcanti (orgs.). **Globalização, Interculturalidade e Currículo na Cena Escolar**. Campinas: Alínea, 2009, p. 37-54.